

TEOLOGIA DO LIVRO DE JONAS

*Fco. Wellington de O. Almeida**

Livro de Jonas. Não há entre os autores pesquisados um consenso quanto à autoria, data¹ e mesmo a veracidade do livro; Van Den Born associa Jonas ao geralmente identificado como o de 2Re 14.25 provavelmente de Get Hefer, em Zebulon (Js 19:13) e atribui o nome do livro não ao seu autor, mas ao personagem central da narrativa. O mesmo autor apresenta algumas alegações contra a historicidade do livro: a) acumulação de milagres; b) a impossibilidade de que toda a cidade de Nínive se tenha convertido, considerando que Jonas, um israelita, era um estrangeiro para eles; c) a declaração de Mt. 12:38-42 que não é aceito como prova por este autor, pois, segundo ele, textos de Jonas são repetições de textos mais antigos (cf. Jn 1; Ez 26:28; Jn 3; Jr 36; Jn 4; 2Rs 19; Jn 2; Salmos).² Champlin, por sua vez, chama a atenção para a possibilidade de uma interpretação alegórica e histórica, ao mesmo tempo (e parece contraditório até certo ponto), que afirma ser o livro um esboço biográfico da vida do profeta. L. Monloubou, no seu dicionário declara que o livro não é histórico nem tão pouco profético: é uma sátira.³ *A Bíblia de Jerusalém*, ao nosso ver, “peca” na sua introdução ao livro quando chama a experiência de Jonas de uma “aventura um tanto ridícula” do profeta.⁴ LaSor, pergunta se o livro seria uma história do tipo “e se...”, preferindo uma interpretação histórica e parabólica.⁵ Easton, afirma que a história de Jonas por ser referida por nosso Senhor (Mt 12:39, 40; Lc 11:29,

*Fco. Wellington de O. Almeida é aluno concluinte do 4o ano Teológico, SALT-IAENE.

¹Com relação a data, Champlin o coloca por volta de 850 a.C. Ver: Russel N. Champlin, *O Antigo Testamento Interpretado (ATI)*, (São Paulo: Candeia, 2000), 5:3547. Irene Nowell propõe o sec V a.C. como a data em que o livro foi escrito. Ver também: Irene Nowell, *Comentário Bíblico (CB)*, (São Paulo: Loyola, 1999), 2:123.

²A. V. Den Born, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, (Petrópolis, RJ: Vozes, 1992), 825-826.

³Louis Monloubou e F. M. Buit, *Dicionário Bíblico Universal*, (Petrópolis, RJ: Vozes, 1992), 431.

⁴*A Bíblia de Jerusalém*, 1356.

⁵William S. LaSor, David A. Hubbard e Frederic E. Bush, *Introdução ao Antigo Testamento (IAT)*, (São Paulo: Vida Nova, 1999), 419. A respeito do termo “parábola”, LaSor conceitua: “É um conto que representa a vida real e incorpora uma verdade moral ou espiritual. Diferente da alegoria, não possui um significado para cada parte”. Ibid.

30), é um fato da maior importância, sendo um argumento suficiente para resolver qualquer questão relativa à sua veracidade.¹ O Comentário Bíblico Adventista aceita a posição de que o livro é de cunho histórico, de que os judeus o consideraram como histórico (Josefo, Antiguidade ix.10:1-2)², e, finalmente as referências de Jesus ao livro mostram que o Senhor o considerou como histórico-profético.

O nome do profeta. Jonas, personagem principal do livro, provém do hebraico *yonah*, cujo significado é “pomba”, não sendo encontrado em nenhum outro lugar do Antigo Testamento. Champlim, o compara com o trecho de Sl 74:19, onde a nação de Israel é chamada de “rola”.³ De fato, confirma R. Land Harris, a palavra vem de uma raiz hebraica que fala do som lamentoso dessa ave.⁴ Tal aplicação a Jonas parece ficar evidente a medida em que lemos o livro, principalmente o seu quarto capítulo, onde percebemos um Jonas lamentador.⁵ Pouco se sabe a respeito deste personagem além do que está relatado em 2Rs e neste livro. Na introdução ao livro, a *Bíblia de Estudo Indutivo*⁶ menciona que um pouco antes de Deus nomear Amós e, a seguir, Oséias como profetas do Reino do Norte, a fim de advertir Israel da invasão iminente por parte dos assírios, o Senhor enviou o profeta Jonas a Nínive, capital da Assíria.⁷ Easton, acertadamente apresenta o caráter do

¹M. G. Easton, *Eastons Bible Dictionary*, The Ages Digital Library Reference Version 2.0 (AGES Software • Albany, OR USA© 1996, 1997).

²*Comentário Bíblico del Séptimo Dia*, (Boise: Publicaciones Interamericanas, 1985), 4:1019.

³Champlim, *ATI*, 5:3547.

⁴R. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr., Bruce K. Waltke, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (DITAT)*, (São Paulo: Vida Nova, 1998), 606. Entre os diversos usos metafóricos desta palavra está o símbolo da ingenuidade e tolices naturais, que levam ao dano próprio (Os 7:11). *Ibid.*

⁵LaSor propõe que seu nome evoca animosidade. Ele era um profeta nacionalista que previu a expansão do domínio do perverso Jeroboão II (2Rs 14:24, 25). *Idem*, *IAT*, 421.

⁶*Almeida Corrigida, Fiel*, (São Paulo: Vida, 1997).

⁷*Bíblia de Estudo Indutivo, Almeida Corrigida, Fiel*, (São Paulo: Vida, 1997), 1406. A propósito da cidade, T. McComiskey comenta: a forma heb. *nî newêh* denota tanto o distrito e a metrópole. É mencionada 17 vezes no AT. Foi fundada por Ninrode (Gn 10:11, 12), e conforme 2Rs 19:36 pode ter sido lugar da residência real de Senaqueribe. É citada na profecia de Naum (Na 1:1; 3:7) e Sf 2:13. Harris, *DITAT*, 1390-1391. Curiosos os comentários de Paul Gardner quando explica a origem do nome “Nínive” com a combinação dos sinais

Jonas sob dois prismas: (1) como um missionário para a pagã Nínive, e (2) como um tipo do “Filho de homem”.¹

O contexto histórico. Jonas profetizou em um período de grande angústia nacional (2Rs 14:26, 27), pois os reis que ocuparam o trono de Israel, “fizeram o que era mau à vista do Senhor” (cf. 1 Rs 15:26, 34; 16:25, 30; 2 Rs 3:2, etc.). Apesar da conduta má dos reis israelitas, Deus, em sua misericórdia para com seu povo, utilizou-se de Jonas para predizer um período de prosperidade para Israel, que se cumpriu nos dias de Jeroboão II (aproximadamente, 793-753 a.C). Este também fez o que era mal os olhos do Senhor.² Nowell situa os fatos do relato de Jonas no período pós-exílio Babilônico: “As lutas entre os retornados e os que haviam ficado para trás, juntamente com a pobreza e a labuta para reconstruírem uma terra desolada e destruída, formam o pano de fundo para o livro”.³ Por conta disto os israelitas odiavam a cidade de Nínive, capital da maior potência da Mesopotâmia no séc. VIII. a.C.

Não há muita divergência quanto à idéia principal do livro entre os autores. Van Den Born considera como sendo o “Universalismo da Salvação”, enquanto Irene Nowell propõe uma oposição à atitude de exclusividade: Deus chama Jonas para profetizar, não a seu povo, mas ao de Nínive, a odiada capital da

cuneiformes KU- “peixe”, e ES – “casa”, explicando com isto o significado do nome, sendo “lugar do peixe”. Paul Gardner, *Quem é Quem na Bíblia*, (São Paulo: Vida, 1999), 371-372. Tipologicamente, e visto do ponto de vista evangelístico, Nínive poderia representar esta terra, um planeta água, lugar do “peixe” que Deus deseja resgatar. John Nelson Darby, parece concordar quando em sua obra, John N. Darby, *Darby's Synopsis Of The Books Of The Bible Part 1: Old Testament*, à pg. 818, faz menção à Nínive como uma representação do mundo em sua grandeza natural, cheio de orgulho e iniquidade. (*The Ages Digital Library Commentary* AGES Software • Albany, OR USA Version 2.0 © 1996, 1997). Cf. Naum 3:1.

¹M. G. Easton. *Eastons Bible Dictionary*. The Ages Digital Library Reference Version 2.0 (AGES Software • Albany, OR USA© 1996, 1997).

²Harris, *DITAT*, 1441. A fórmula ‘átsâ hâra’ betênê YHWH, ocorre com freqüência no Antigo Testamento. O mesmo autor, comentando a respeito, lembra que o próprio caráter e a atitude de Deus medem o valor das coisas e das pessoas (1Rs 8:12; Jr 29:11; Jn 4:2, 6). O ponto de vista divino diz respeito principalmente a qualidades morais, mas o homem possui seus próprios padrões e tende a avaliar se ambiente em função da dor que experimenta.

³Irene Nowell, CD-rom “Fundamentos de La Esperanza” – *Biblioteca Cristiane Basica*.

Assíria. Isto, diz ela, apresenta a verdade chocante de que “outras nações” também podem ser queridas ao coração de Deus. Jonas será então um instrumento pelo qual a misericórdia divina será levada àquela cidade. Do ponto de vista do profeta, ela menciona que este preferia um Deus que destruísse, a um Deus que perdoasse. Champlin apresenta os pontos de vista teológicos: Deus é um governante universal, um salvador universal, e abundante em amor, e concorda com Nowell quanto a não exclusividade, ao acrescentar o conceito teológico de que o livro é uma motivação missionária. LaSor, da perspectiva da teologia da criação, diz que o livro instiga uma visão equilibrada das nações e de seu destino. Ellen White expressa que a despeito da impiedade de Nínive, esta não estava inteiramente entregue ao mal; Deus viu na cidade “muitos que estavam procurando alguma coisa melhor e mais alta, os quais, se lhe fosse dada oportunidade para conhecer ao Deus vivo, afastariam de si as más obras, e O adorariam”.¹ O ponto central do livro não está num homem que foi apanhado no ventre de um grande peixe, mas sim, no povo gravado no coração de Deus.²

Neste trabalho abordaremos o que consideramos como sendo a teologia principal do livro, fundamentada em um chamado, um mensageiro, uma missão e uma mensagem. É bem verdade que a idéia de misericórdia está presente em cada capítulo, tendo o ensino teológico duas dimensões: uma, visando alcançar um mundo pagão (cap. 1-3); outra, visando alcançar um profeta confuso com as atitudes de Deus (cap. 4). A seguir, temos o esboço geral de cada capítulo.³

¹Ellen G. White, *Profetas e Reis*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 265-266.

²*Bíblia de Estudo Indutivo, Almeida Corrigida, Fiel*, (São Paulo: Vida, 1997), 1406.

³Baseado na *Bíblia de Jerusalém*. Nesta versão, Jn 1:17 na ARA, aparece como sendo o primeiro versículo do cap. 2, o que achei mais didático para este esboço. As demais citações bíblicas serão da *ed. Revista Almeida e Atualizada*, salvo exceções devidamente anotadas.

A Vocação de Jonas, a sua Fuga e seu Castigo

Capitulo 1		
Deus	Ação	v.1: Levanta-te e vai! V.4:Lançou sobre o mar um vento violento;
	Causa	v.2: Sua maldade chegou até Mim.
Jonas	Reação	v.3: Foge para longe da face do Senhor; v.3: Paga uma passagem; v.5: desce para o fundo do navio – dorme profundamente; v.12: Se submete – confessa perante os homens.
Os homens	Ação	v.5: Tiveram medo; lançam no mar a carga do navio. Apelam para o seu deus. v.6: a d�vida – Quem sabe? v.7: lançam sortes; v.13: resistem; v.14: se submetem; v.15: lançam Jonas ao mar; temem, adoram e fazem votos.
	Perguntas	v.6: Como podes dormir? v.8: Qual a tua missão? Donde vens? Qual a tua terra? A que povo pertences? v.10: Que � isto que fizeste? v.11: Que te faremos?

A a o de Deus no chamado. No Antigo Testamento   relatada, inúmeras vezes, a a o de Deus, desde o ato da cria o, até a consuma o final da salva o. Em sua ora o, o sábio Salomão pede a Deus que ouça e aja, executando juízo e justificando o justo (1Rs 8:32), que aja dando a cada um segundo o seu [do homem] cora o (v.39); e, Jeremias, também em ora o, suplica que uma vez que “as maldades testificam contra nós,  

Senhor, age por amor do teu nome, porque nossas rebeldias se multiplicaram...” (Jr 14:7). Mas Deus não age apenas para executar juízo; age por causa de sua misericórdia: “age por mim, por amor do teu nome, livra-me”, diz o salmista Davi (Sl 109:21).¹ Finalmente - como a atestar a grandiosidade de suas ações ao profeta Isafas - Deus afirma (para que saibamos que o Senhor é Deus e nenhum outro há, senão Ele - Dt 4:35): “Desde a eternidade eu sou; quando faço, quem poderá desfazer?” (Is 43:13).²

A idéia de ação e reação se acha presente por todo o livro de Jonas. Deus age chamando a Jonas: “Dispõe-te” (v.1). Deus age lhe confiando uma missão: “Vai à grande cidade de Nínive” (v.2), Deus age dando-lhe a forma como a mensagem deve ser dada: “clama!” (v.2).³ E, embora não lhe forneça o conteúdo da mensagem é dito o motivo de ela ser proclamada: “porque a sua malícia [de Nínive] subiu até Mim” (v.2).⁴

¹No livro de Salmos faz-se menção de outros pedidos de misericórdia, entre eles: Sl. 31:9; 51:1; 56:1; 67:1.

²A Bíblia de Jerusalém.

³Jonh J. Owens, *Analytical Key to the Old Testament (AKOT)*, (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1996), 831. O termo קָרָא (*qara*'), no Qal, tem característica imperativa. Podendo ser traduzido por 'chamar', 'chamar fora', 'proclamar', 'chorar à solta'. Chamar pelo nome de Deus. Ibid. A *21st. Century King James Version* assim traduz o verso 2: “*Arise, go to Nineveh, that great city, and cry out against it; for their wickedness has come up before Me.*” (a NKJV traduz pelo mesmo termo, que traduzido é “clame”). No AT o termo heb. *qara* ' está presente em versos como o de Pv 1:21; 8:1; Is 58:1; Jr 2:2 e o texto clássico de Is 40:3 “Voz do que clama no deserto...”, de onde podemos aplicar a idéia de que a proclamação de Jonas é anuncio de boas novas, tanto quanto foi a de João Batista. Para os ninivitas poderia significar “A salvação está chegando...preparai o caminho e endireitai vossas veredas!”.

“Um forte clamor muitas vezes indica que não há justiça ou que o juízo está em execução...”. Harris, *DITAT*, 1298. Jonas anunciava no seu clamor esta dura realidade. Sua mensagem deveria ser movida por profunda compaixão, por aqueles que, vejam só o desafio, eram os seus inimigos. Jonas deveria expressar uma proclamação movida por tristeza em razão dos pecados cometidos por seus inimigos. Eis aí uma profunda prova de imparcialidade em uma missão. Jonas seria aprovado? Ibid.

⁴Do heb. רָעָם n. f. cuja raiz *ra* ' , vem significar maldade, miséria, injúria, calamidade, agir erroneamente (em sentido ético). Designa experiências que causam dor física (Nm 16:15; 1Cr 16:22; Sl 105:15) ou emocional (Gn 43:6; Nm 11:10, 11). No âmbito moral e religioso, o verbo denota atividade que é contrária à vontade de Deus. A variedade de atividades associadas com *ra* ' começa com a rejeição de Deus (Is 1:4; 9:17; Jr 7:26; 16:12) especialmente a prática de idolatria. Os escritores bíblicos procuram entender o *ra* ' como estando presentes nas motivações íntimas das ações. Às pessoas que assim procedem falta

A ação de Jonas na ótica humana deve corresponder à ação de Deus. Por ação entende-se “ato ou efeito de atuar; atuação, ato feito, obra. Capacidade de mover-se, de agir; modo de proceder, comportamento, atitude”.¹ Contrário a isso, temos a “reação”, que é “1. Ato ou efeito de reagir. 2. Ação que resiste ou se opõe a outra; resistência.”² O dicionário Aurélio amplia este conceito quando afirma que seja “resposta a uma ação qualquer por meio de outra ação que tende a anular a precedente”³. Ação então seria um ato de obediência humana correspondente à ação de Deus; e, reação desobediência a esta ação de Deus. Seria a ação do homem oposta à ação de Deus. É o que ocorre com Jonas: Primeiramente ouve de Deus o chamado, a missão e a idéia da mensagem; contudo, reage contrário a ação divina: foge para longe da face do Senhor (v.3), paga uma passagem, desce para o fundo do navio e dorme profundamente(v.5). Ora, parece evidente que Jonas se opõe a ação de Deus, toma um rumo diferente: não atende - foge! Não vai à Nínive – vai a Tarsis!⁴ Não clama – dorme profundamente! Temos então uma questão a considerar:

Quando não agimos de acordo com a ação de Deus, como Ele age?

Três exemplos no Antigo Testamento poderão ajudar-nos na compreensão da resposta:

1. No mundo antediluviano, por que Deus agiu com águas do dilúvio? Gênesis seis responde que foi por causa da maldade do homem que se multiplicara e, note, por causa do desígnio do coração deles, que era mau continuamente (v.5).⁵
2. Após o dilúvio, a descendência de Noé reage à promessa de Deus com descrença em sua aliança – um sinal nas nuvens (Gn 9:11-13),

entendimento (Jr 4:22) acerca da verdadeira natureza de seus atos. Parte dessa falta se deve a não perceberem, mesmo que tardiamente, o dano que causam a si mesmas (1Sm 12:25; Sl 44:2-3; Jr 13:23). Está presente em outras passagens como Jó 22:5; Sl 7:9; 94:23; Pv 26:26; Jr 2:19; 3:2; 4:14; 6:7; 9:3; Os 7:3; 9:15; 10:15; Jl 3:13. Owens, *AKOT*, 1441-1443.

¹Aurélio B. de H. Ferreira, *Novo dicionário da língua Portuguesa (NDLP)*, (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988), 8.

²*Dicionário Eletrônico Michaelis*, versão 3.0 (DTS Software Ltda, 1996)

³Ferreira, *NDLP*, 552.

⁴Esta cidade representava aos olhos dos hebreus o fim do mundo. Jonas quer subtrair-se à sua missão fugindo para o lugar mais longe possível.

⁵White, *Patriarcas e Profetas*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 91. Deus dera ao homem os Seus mandamentos, como regra de vida; mas Sua Lei era transgredida, e todos os pecados imagináveis foram o resultado. A impiedade do homem era franca e ousada. A justiça pisada no pó, e os clamores dos oprimidos chegavam até o Céu.

construindo uma torre.¹ O que Deus faz? “Então desceu o Senhor para ver a cidade ... e os dispersou”(Gn 11:5, 8).²

3. Num outro momento, Deus envia uma mensagem à Ló. E qual era? Sodoma e Gomorra serão destruídas! E por que? - Por causa do seu clamor e do seu pecado que tem se agravado muito (Gn 18.20; 19:13).³ E como Deus age após a mensagem ser proclamada? Age com misericórdia para com Ló e suas filhas (Gn 19:19), mas age executando juízo com a mulher dele, que reagiu a ordem Divina (Gn 19:26).

O princípio da “Ação e reação”. A terceira lei de Newton, assim conhecida, estabelece que as forças envolvidas têm a mesma intensidade, a mesma direção e sentidos opostos.⁴ Direção é, por definição, “indicação de rumo a seguir”.⁵ Imaginemos então o caminho de fuga de Ló e sua família: a

¹Ibid, 265. “Nínive foi fundada sobre os férteis barrancos do Tigre, logo depois da dispersão da torre de Babel”. Ibid. Pode-se dizer que, pós-dilúvio, ela se destaca como cidade-símbolo da reação espiritual do homem à Palavra de Deus. Harris, *DITAT*, 395. O projeto de construção da torre demonstrou a extensão dos planos (do hb. *zānam*) e tramas perversos. (Ibid).

²Citado por Hellmut, Santo Agostinho em sua obra “Cidade de Deus” (XVI,3-5), escreve:”Se está escrito: ‘Deus desceu para ver a cidade e a torre’, isto não significa que Ele se locomoveu, pois que é sempre bem presente em todos os lugares. Fala-se, sim, de Seu descender, quando Ele opera na terra algo que está em contraste com o curso normal da natureza, algo milagroso que revela Sua presença de maneira especial...”. Hellmut Wolff, *O Cristo Histórico*, (Campinas, SP: Novo Mundo, 1978), 36.

³Harris, *DITAT*, 1298. Deus ouve os clamores dos homens, especialmente quando os justos clamam por estarem aflitos. Isto, caracteriza-O como Deus vivo e verdadeiro, pois os homens gritam para os seus ídolos, mas estes não reagem (Sl 107:6, 28; Is 4:7). O mesmo autor fala na pg. 1.538 que é possível “clamar” ao senhor e assim mesmo não obter nenhuma resposta (Hc1.2; J619.7; 30.20; Sl.18.41[42]; Lm3.8). Ibid.

⁴Nicolau C. Ferraro e Paulo T. Soares, *Física Básica*, (São Paulo, SP: Atual, 1998), 54, 108. “Sempre que uma força está aplicada sobre um objeto, há alguma coisa (ou alguém) que a está exercendo. Mas não temos aqui uma ação que ocorre num único sentido, em que somente um dos objetos exerceria a força e o outro a receberia. A influência é sempre recíproca. Ibid. 1687 – Isaac Newton (1642-1727) publica o livro *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, no qual apresenta as três leis que se tornam, daí para a frente, os mandamentos da Física. As leis fundamentais de Newton continuam sendo um alicerce indispensável em todos os ramos da ciência atual. A terceira lei afirma que, se um corpo faz força sobre outro, como numa colisão, ele também sofre uma força igual à primeira, em sentido contrário”. (<http://br.geocities.com/vinicrashbr/ciencias/cronologia/fisica.htm>).

⁵Ferreira, *NLDP*, 223.

direção dada por Deus era Zoar (Gn 19:22). A direção é uma só e une dois pontos: o de saída e o de chegada: Mas, o que fez a mulher de Ló? Mudou o sentido. Olhou para trás; em outras palavras, seu coração estava naquilo que o Senhor Deus já condenara. Em seu coração desejou a vida daqueles que haviam rejeitado a advertência divina. Para ela não teve misericórdia.¹

Jonas, ao fugir para Tarsis 'reagiu', pois mudou o sentido de sua missão.² É fato que ele foi chamado a pregar para seus inimigos. Imagine então que você conheça um "gentio" que sofre de um câncer incurável (o pecado). Deus lhe chama e coloca em sua mão o único remédio, e lhe diz: Levanta e vai até à casa do "gentio", e faça-o aceitar o remédio. O que você responderia a Deus? "Sim, Senhor", ou diria: "Por que o Senhor mesmo não leva?" A atitude de Jonas a princípio parece ser de aceitação, contudo, decide não levar o "remédio". Jonas predeterminou na sua justiça; é como se dissesse: "não vou dar à eles o remédio. Que morram!" Ao assim proceder, sofreu conseqüências e pessoas ao seu redor também sofreram. Não se dará isto também conosco?³ Deus então age lançando sobre o mar um forte vento, então "ouve-se a voz do SENHOR sobre as águas" (Sl.29.3) e a conseqüência é uma grande tempestade e um iminente naufrágio(v.4).⁴

¹A história de Ló pode ser lida em seus detalhes no relato Bíblico (Gn.18 e 19). Ver também caap. 14 de: White, *Patriarcas e Profetas*, 156. Contudo é relevante o fato de que a autorização dada a Ló para que fugisse para Bela (mais tarde chamada de Zoar), não foi a primeira proposta de Deus (que era a de fugir para o monte - lugar seguro, refúgio -Gn.19.17), e sim uma aquiescência de sua misericórdia em permitir que Ló aprendesse sozinho que "há caminhos que ao homem parece direito" mas que o final dele nem sempre é o melhor. Como se viu, não tardou para que Ló fugisse também de Zoar (Gn.19.30) e fosse para o lugar que de a muito Deus escolhera para sua casa: o monte. No seu comentário Ellen White diz que "se o próprio Ló não tivesse manifestado hesitação em obedecer à a advertência do anjo, antes tivesse ansiosamente fugido para as montanhas, sem uma palavra de insistência ou súplica, sua esposa teria também podido escapar". Obediência sem questionamento...Tal característica faltou também à Jonas, como veremos. Ibid.

²White, *Profetas e Reis*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 266. "Jonas pensou nas dificuldades e aparentes impossibilidade desta comissão. Pôs em dúvida a sabedoria do chamado". Ibid.

³Este é um ponto fundamental a considerar: quando reagimos aos propósitos de Deus as conseqüências ocorrerão como resultado de nossa escolha e as influencias desta escolha alcançarão quem nos é próximo.

⁴Champlin, *ATI*, 7:5301. Em contraste com o deísmo, que supõe que o Poder Criador abandonou a criação ao governo das leis naturais, vemos que o Divino às vezes entra em ação entre os homens e faz uma repentina e surpreendente diferença. (Ibid).

Mas como agem aqueles que estão com Jonas e são inocentes à sua missão? Agem conforme sua natureza. Não reagem contra Deus (até que ouçam a mensagem os seus procedimentos são de ação no pecado e podem estar inocentes diante de Deus); e, tudo o que fazem só expressa suas debilidades e fraquezas: tiveram medo e clamaram cada um para o seu deus (v.5);¹ e, quando não compreendem a causa do mal aparente, lançam sortes (v.7). É quando, em meio a todo politeísmo de um navio sem Deus, surge a figura de um Comandante. Como ele agirá?

A ação do comandante prefigura a ação de Deus. Como Deus, ele vai na direção de Jonas e pede dele explicações como a dizer, “dá contas de tua mordomia”(Lc.16.2 –ACF²). “Que se passa contigo? Como podes dormir? Levanta, invoca o teu deus!” (v.6).³ “Qual a tua missão, donde vens, qual a tua terra, a que povo pertences (v.8- BJ)?” Agora a realidade era cruel com Jonas. Ele tinha sido descoberto por homens. Quão grave engano quando pensamos em um Deus irreal, que não age, que está alheio às nossas atitudes. Diz o insensato em seu coração “não há Deus” (Sl.53.1pp). Quão oportuno seria considerarmos o reconhecimento de Davi a respeito da Onisciência e Onipotência deste Deus: “para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? (Sl.139.7). Jonas pensou em fugir da face de Deus (1.3), mas agora admitia que encontrara a face dos homens.

Que faz você quando os homens o descobrem no anonimato da missão? Provavelmente perguntarão “Que é isto que fizeste?” (v.10), “E agora, que te faremos?” (v.11).⁴ Jonas escapara de Deus (em tese), mas

¹Colin Brown e Lothar Coenen, *Dicionário Internacional do Novo Testamento (DINT)*, (São Paulo, SP: Vida Nova, 2000), 361. O termo clamor *za'ak* e seus derivados estão bem presentes no relato de Jonas. Brown em seu dicionário afirma que entre outros, o ‘clamar’ “se emprega no contexto da salvação vindoura”. Isto reflete a expectativa da mensagem dada aos ninivitas. *Ibid.*

²Almeida Corrígida-Fiel.

³A tal chamado provavelmente Jonas, irresoluto, ora. Contudo, “A oração não foi respondida, pois Jonas se tinha desviado do caminho do dever”. White, *Profetas e Reis*, 267.

⁴Acreditamos que o que está sendo expresso pelos marinheiros não é um zelo missionário, nem mesmo um sentido de missão. Há aqui uma chamada à responsabilidade para com a missão que Jonas negligenciara. Nas “entrelinhas” desta pergunta pode existir uma outra, não declarada, como a dizer “nós temos sido fiéis àquilo que cremos; você, não?”.

caíra nas mãos dos homens. Lembremo-nos das palavras de Davi, ao ser advertido pelo profeta Gade, quando escolheu seu castigo por ter levantado o senso de Israel: “caiamos nas mãos do Senhor porque muitas são as suas misericórdias; mas nas mãos dos homens não caia eu” (II Sm.24.14).

Como agiu Jonas ao cair nas mãos dos homens? Quando estamos acercados pelo pecado Deus espera de nós uma reação. Não uma ação. Agir numa situação de pecado é continuar pecando. Jonas escolhe agir, dentro do barco, e então se submete, confessa perante os homens (v.12), mas não muda o sentido de sua visão. A exemplo de Israel (Os. 7.16), ele volta-se, mas não para o Altíssimo; continua fugindo da face de Deus. Dois outros personagens, um no Antigo e outro no Novo Testamento tiveram, a seu tempo e modo, condutas semelhantes: um, chamado Acã, que reagiu à ação de Deus e colocou a nação de Israel a ponto de naufragar perante seus inimigos (Js.7.1-26). Em busca de saber a causa da derrota para a pequena cidade de Ai, que fizeram os homens? Lançaram sortes. Quando descoberto, que fez Acã, reagiu? Reconheceu seu pecado diante de Deus? Não. Continuou agindo no seu pecado. Admitiu para os homens, mas não foi em busca da face de Deus. Para ele só restava uma forma de juízo (ou, se preferir, misericórdia) – o de execução. O outro, Judas: que restava para ele? Ao ver seu mestre condenado a uma morte horrenda, arde em seu coração uma expectativa de juízo de condenação. Admite que pecou traindo sangue inocente (Mt. 27.4pp), mas continua agindo no pecado e propõe para si mesmo a morte.¹ Jonas está no limite de Acã e Judas. Admite para os homens o seu pecado (v.9,10), e propõe para si a morte (v.12). Semelhante a Judas, diante de seus algozes, Jonas não convence. É como se os homens daquele barco friamente lhe afirmasse “que nos importa? Isto é contigo!” (Mt. 27.4sp).²

Sobre este assunto White comenta: “no encargo que fora dado, havia sido confiada a Jonas uma pesada responsabilidade. Tivesse o profeta obedecido sem questionar, e ter-lhe-iam sido poupadas muitas experiências amargas e teria sido abundantemente abençoado”. White, *Profetas e Reis*, 266.

¹Tratando deste assunto, White diz que a confissão de Judas foi arrancada de sua mente culpada por um horrível sentimento de condenação e por imaginar o juízo que o estava esperando. White, *Caminho a Cristo*, (Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 24.

²Ironicamente, Judas recebera dinheiro para trair, e Jonas pagara para fazer o mesmo; e, se é verdade que Judas traiu o Mensageiro, vemos aqui um mensageiro traindo sua missão.

Como agem as pessoas que não acreditam neste tipo de testemunho? Continuam agindo conforme sua natureza: “remam”, “se esforçam”, mas tudo o que conseguem é ver o mar aumentando a sua força (v.13). Como a dizer o profeta Ezequiel (Ez. 27.26), “os teus remeiros te conduziram sobre grandes águas; o vento oriental te quebrou no coração dos mares”.

¹Nesta verdade presente eles eram forçados a crer, porque, como diz Paulo, “nada podemos contra a verdade, senão a favor da própria verdade (II Co. 13.8)”.

Em outras palavras, nada podemos fazer se não agirmos conforme a ação de Deus. Então, diz, o texto, “clamaram ao Senhor” (v. 14).²

Um coração dividido entre a vontade egoísta do homem e a vontade altruísta de Deus não convence ninguém da verdade.

¹White, *Atos dos Apóstolos*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994), 572. Com relação do apóstolo João, que extraía “importantes lições” da natureza, White diz: “Na voz de muitas águas - abismo chamando abismo – o profeta ouvia a voz do Criador. O mar, açoitado pela fúria de impiedosos ventos, representava para ele a ira de um Deus ofendido. As poderosas ondas, em sua terrível comoção, mantidas em seus limites por mão invisível, falavam do controle de um poder infinito. E em contraste considerava a fraqueza e futilidade dos mortais que, embora vermes do pó, gloriam-se em sua suposta sabedoria e força, e colocam o coração contra o Governador do Universo, como se Deus fosse igual a eles”. Ibid.

²Mesmo não sendo nosso propósito uma exegese do termo, apresentamos a seguir um quadro comparativo para aprofundamento posterior (*Almeida, Revista e Atualizada*):

Termo	Jn	Quem utiliza	Significado
Clama	1.2	Deus.	Clamor do IDE.
Clamavam	1.5	Os marinheiros;	Clamor em necessidade.
Invoca	1.6	O comandante;	Clamor por socorro.”
Clamaram	1.14	Os marinheiros;	Clamor por misericórdia
Clamei	2.2	Jonas	Clamor na angústia;
Proclama	3.2	Jonas	Clamor na mensagem
Pregava	3.4	Jonas	Clamor nas advertências
Proclamaram	3.5	Os ninivitas	Clamor do arrependimento
Proclamar	3.7	Os servos do rei	Clamor do VINDE.

Consideremos o contexto imediato em que este clamor é apresentado em outras passagens na Bíblia (ARA):

Libertação: Êxodo 14:10; Juizes 3:9; Juizes 3:15.

Reconhecimento de culpa: Juizes 10:10; I Samuel 12:10.

Na angústia: Salmo 107:6; Salmo 107:13; Salmo 107:19; Salmo 107:28

Posso imaginar por quanto tempo Deus esperou e espera por este clamor. Jonas calou, mas os homens clamaram, e o fizeram a pedir por misericórdia: “não faça cair sobre nós este sangue inocente”. Note, para eles Jonas não era culpado. O temor ao mar e à sua fúria – a voz de Deus clamando, os fizeram reagir.¹ E como reagiram? “E levantaram a Jonas e o lançaram ao mar”; ao ser lançado do barco para um mar revolto, a visão de Jonas era de que estava perdido. Mal compreendia que acabara de ‘dar sua vida em resgate de muitos’ - “e cessou o mar da sua fúria” (v.15). Deus reafirma sua autoridade sobre a mar. Por sua ação, veio um vento forte e por causa da reação daqueles homens, veio a bonança. Eles se alegraram “porque o mar tinha ficado calmo; e assim Deus os levava em segurança para o porto desejado” (Sal. 107.30 – BLH).²

Quando Deus age, o que devemos fazer? Agir, porque agora reconhecemos o seu poder. E, temendo em extremo ao Senhor os homens daquele barco “ofereceram sacrifícios e fizeram votos (v.16)”.³ Quando Deus age, ele transforma experiência de fracasso em uma oportunidade de sucesso conforme o seu plano. Foi assim com o fiel jovem José, no Egito, e também com Jonas. Então, “IAHWEH determinou que surgisse um peixe grande para engolir Jonas” (2.1 BJ; 1.17ARA). Seria isto um ato de juízo de execução ou de investigação? Teria Deus misericórdia?

¹ White, *Profetas e Reis*, 277-278. White diz: “Aparentemente essas calamidades são caprichosos desencadeamentos de forças da natureza, desorganizados e desgovernados, inteiramente fora do controle do homem; mas em todas elas pode ler-se os propósitos de Deus. Elas estão entre os instrumentos pelos quais Ele busca despertar a homens e mulheres para que sintam o perigo. A tormenta da ira de Deus está-se acumulando; e subsistirão unicamente os que responderem ao convite de misericórdia, como os habitantes de Nínive pela pregação de Jonas”. Ibid.

² Falando da ação de Deus na vida do indivíduo, Georg Fohrer salienta: “Ademais, sobretudo no nascimento, na doença e na morte, isto é, nos momentos determinantes da vida do homem, evidencia-se claramente a experiência do poder Divino. E aqui a fé veterotestamentária mostra três de suas particularidades: a exclusão de outras divindades; a rejeição da magia; a associação entre força e conhecimento de IAHWEH”. George Fohrer, *Estruturas Teológicas Fundamentais do Antigo Testamento (ETFAT)*, (São Paulo: Paulinas, 1982), 161-162.

³ Esta declaração pode sugerir que estes homens, posteriormente, e não somente naquele momento decidiram-se em submeter-se ao verdadeiro Deus. Afinal, as condições do ambiente talvez não fossem favoráveis a oferecer em holocausto sacrifícios de cordeiro. A entrega ali, parece ser da vida, como um sacrifício santo e agradável à Deus. Foi um culto racional (cf. Rm12:1-2).

A Oração de Jonas no Ventre do Peixe

Capitulo 2	
Ação de Deus	Reação de Jonas
v.1: Determina que surja um grande peixe; v.17: Fala ao peixe;	v.1pp: Ora ao Senhor; v.1sp-7pp: Pede; v.7sp-10: recebe, teme, adora e faz votos;

A oração de Jonas, um caminho para a reação. Eis o seu testemunho: “Quando, dentro de mim, desfalecia minha alma, eu me lembrei do Senhor; e subi a ti minha oração...” Há dois momentos na oração de Jonas, no ventre do grande peixe que podemos destacar: Um, que ele clama, na sua angustia, ao Senhor (v.2), e fala de sua volta ao caminho da vida ao declarar: “fizeste subir da sepultura a minha vida” (v.6). Outro, em que expõe a causa de nos distanciarmos da face de Deus: a idolatria vã.¹ Os que se entregam a ela, diz ele, “abandonam aquele que lhe é misericordioso” (v.8). E, num momento de imaginação fico a pensar que provavelmente tenha reconhecido ali a onisciência e onipotência de Deus e, semelhantemente a Davi, tenha declarado “se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá” (Sl. 139.8-10). Sim, a misericórdia de IAHWEH o susteve e a oração de Jonas demonstra que do mais profundo abismo Deus pode restabelecer-nos a posição que Ele sempre planejou para a sua criatura. Jonas talvez seja o único pecador que foi simbolicamente deixar seus pecados no “coração dos mares” (v.3), tanto quanto Jesus veio literalmente ao coração da terra para limpá-la.

A Bíblia não fala em que momento dos três dias Jonas começou a orar, mas é certo que tenha terminado ao terceiro dia.

¹ *habelê shave* traduzido pela NKJV por “worthless idols” (ídolos sem valor, indignos, sem méritos, inúteis).

Walter Brueggeman comentando na *Lição da Escola sabatina 2º trimestre 1994*, pág. 33, diz a esse respeito que “a forma moderna de idolatria é finalmente a autonomia, o senso de que vivemos a vida à nossa maneira.” Não seria este o caso de Jonas? Sua idolatria foi do “eu”, tirando do trono a vontade soberana do autor de sua missão.

O que ocorre quando um pecador ora? Ele reage.¹ Sua vida começa a tomar novo sentido, e seus atos demonstram uma atitude que até então era imperceptível: a) ele ora ao Senhor (v.1); b) admite sua angustia e clama (v.2); c) sente a disciplina de Deus (v.3); d) reconhece que está longe da face do Senhor (v.4-6pp). Jonas era, a seu tempo e modo um “filho pródigo” de volta à missão.

Deus nos fala pela Natureza e Revelação, através de sua providência e pela influência de Seu Espírito...O Pai celestial deseja derramar sobre nós a plenitude de sua bênção. Deus está pronto para ouvir a oração sincera do mais humilde de seus filhos. Sem oração e vigilância constante, estamos em perigo de nos tornar descuidados e nos desviar do caminho verdadeiro... Se chegarmos a Deus convencidos de nosso desamparo e dependência, tais como somos, e com humilde e confiante fé levarmos as nossas necessidades àquele cujo conhecimento é infinito, e que tudo vê na criação, governando todas as coisas por Sua vontade e palavra, Ele pode atender e atenderá ao nosso clamor, e fará a luz brilhar em nosso coração.²

O que ocorre então quando o pecador admite, sente e reconhece diante de Deus o seu pecado? Recebe de Ele o perdão e, com voz de agradecimento(v.9), como os marinheiros libertos da fúria do mar, Jonas “teme a Deus, oferece sacrifícios e faz votos” (v.9pp).

“Jonas arrependeu-se no ventre do peixe?” Deixemos que ele responda: “o que votei pagarei” (v.9). Penso que lá naquele

¹ Citado por Wolff, Karl Rahner diz em seu livro *Luz e Trevas na Oração*: “Porém, como se transforma o homem tentado, o homem da trivialidade e dos quotidianos compromissos, o homem a quem o pecado acena e já circula no sangue - como em vertigem - e que não mais sabe onde virtualmente está...Como se transmuda este homem da Terra em servo de Deus, a quem o anjo, de repente, entrega na mão a espada flamejante, e o envolve, com a claridade e a ternura de Deus, como numa veste? Oh, esta transformação não ocorre quando cansados e frouxos, iniciamos uma porfia com a tentação, com o propósito secreto de nos deixarmos vencer - ela não acontece quando na verdade somente transacionamos, para, depois da derrota, não termos que confessar a capitulação; esta transformação não acontece quando, realmente, não queremos cair, mas também não desejamos erguer-nos, quando na verdade não queremos ser conquistados, mas queremos habitar, tanto quanto possível, perto do inimigo. Esta transformação só acontece quando oramos...”. Wolff, 161. Neste ponto seria interessante o leitor considerar a narrativa sobre Manassés em II Cr 33:1-20. Há indícios de muita semelhança entre as atitudes deste personagem e Jonas.

² White, *Caminho a Cristo*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 93, 95 e 97.

profundo mar Jonas pode ter prometido: “Senhor, se Tu me libertares prometo cumprir minha missão”. Agora em suas mãos está a chave da liberdade. Uma chave que está na voz de Jonas quando clama: “Ao Senhor pertence a Salvação!”(v.9up).¹ Não seria esta a mensagem que deveria levar a Nínive? O mensageiro antes de levar a mensagem precisa reconhecê-la como uma experiência pessoal. Isto pode ter-se dado com Jonas naquele momento. E quando o pecador reage à sua vida longe da face do Senhor, Deus age como fez com Jonas: “falou pois o Senhor ao peixe, e este vomitou Jonas na terra”(v.10).²

Jonas Prega em Nínive

Capítulo 3		
Deus age	v.2:	Levanta-te e vai!
	v.10:	Viu as obras dos homens de Nínive – se arrepende;
Jonas age	v.3:	Levantou-se e foi;
“Os homens” reagem	v.5:	Creram em Deus; Convocaram um jejum; Vestiram-se de pano e saco;
	v.7,8:	Se submetem; Temeram. Adoraram e fizeram votos;
	v.9:	Quem sabe? Talvez Deus volte atrás.

A ação de Jonas ao chamado. Neste capítulo não se percebe uma cadeia

¹ Lício O. Lindquist, *Colunas de Nossa Fé*, (Lição da Escola Sabatina número 425, 3o trimestre de 2001, pg.61): “A adoração é o maior ato que um cristão pode praticar. É uma experiência espiritual que envolve uma ação favorável em direção a Deus. É render-se completamente ao Senhor”.

² Quanto a possibilidade de um homem sobreviver dentro de um peixe, recomendo a leitura de “História do Grande Peixe: sua historicidade e tipologia” em, Champlin, *ATI*, 5:4562. Este artigo, entretanto, não deve subestimar o milagre e nem nossa fé.

de ação e reação entre Deus e Jonas. Pelo contrário, há uma ação em resposta à outra. Deus fala a Jonas “dispõe-te e vai” (v.2), e Jonas “levantou-se e foi” (v.3). A ordem era imperiosa: “proclama contra ela a mensagem que eu te digo” (v.3). A vontade humana une-se à Divina e agora podemos sentir uma mensagem dada com poder resultante de um Deus que age e de um servo que obedece.

Jonas estava convertido ao sair do ventre do peixe? Certamente que neste aspecto de sua experiência, sim! Como reagiríamos, em lugar de Jonas depois de tão grande livramento? Não era medo de Deus que impulsionava o profeta a atender o chamado. Era a gratidão. Jonas não estava sendo coagido pela obrigação formal de um missionário, mas constrangido pelo amor. Jonas experimentara a conversão, uma mudança de conduta operada por Deus (At.15.3), em reação ao pecado (arrependimento) e em ação de fé (mudança de atitude).¹ Jonas saiu vitorioso e para vencer, pois agora agia de conformidade com o autor da mensagem. E diz a Bíblia que Jonas “Começou a percorrer a cidade caminho de um dia, e pregava...” (v.4).

No primeiro capítulo do livro, Deus apresenta o motivo, mas não dá a mensagem. Aqui, Deus não revela a Jonas seus motivos, mas lhe declara a mensagem: “ainda quarenta dias e Nínive será destruída (v.4-BJ).² O relato do terceiro capítulo concentra-se na reação dos homens de Nínive.³

O que Deus espera de pecadores que ouvem esta mensagem? Certamente o seu desejo está expresso nas palavras ao profeta Ezequiel “porventura tenho eu prazer na morte do ímpio? Porventura não alcançará

¹ White, *Caminho a Cristo*, 23. White diz: “O arrependimento envolve tristeza pelo pecado e também afastamento dele...” Ibid.

² Idem, *Profetas e Reis*, 265. No tempo de sua prosperidade Nínive era um centro de crime e impiedade. Conhecida como cidade ensanguentada, toda cheia de mentiras e de rapina (Naum 3.1), todavia, diz a autora, “não estava inteiramente entregue ao mal. Ibid.

Pensando a respeito, não seria isto uma atitude má da parte de Deus? Harris, responde no contexto do termo *ra 'a'* (castigar): Deus é o sujeito do verbo *ra 'a'* em Sl 44:2-3, Jr 25:29; 31:28; Mq 4:6; Zc 8:14. Mas o fato de infligir dor às pessoas não se deve à maldade; é o juízo justo para pecadores que não se mostram sensíveis ao seu chamado ao arrependimento. No AT, Deus, ao se dizer que faz *ra 'a'* aos perversos, não é descrito como alguém a cometer um ato imoral. Harris, *DITAT*, 1442.

³ White, *Profetas e Reis*, 266. Em sua sabedoria Deus se revelou a eles de maneira inconfundível, a fim, de levá-los, se possível, ao arrependimento. Ibid.

ele a vida se se converter de seus maus caminhos? (Ez. 18.23).¹ Perceba que a palavra chave que descreve a expectativa de Deus quando proclama sua mensagem a homens ímpios é “conversão”?² Conversão não seria então uma mudança de sentido na direção da vida? Isto seria uma reação natural na lei da física, mas seria na lei carnal? É natural o homem voltar-se à Deus, digamos, “naturalmente”? Provavelmente que não. Em se tratando de Israel a mensagem de Deus dada a Jeremias, p.ex., era de que o castigo seria inevitável. Por que? Porque, diz o texto bíblico, “ninguém havia que se arrependesse de sua maldade; cada um corria sua carreira como um cavalo que se arremete com ímpeto na batalha” (Jr.8.6). Se isto era verdade em relação ao povo de Israel, não o seria em relação aos assírios?³ O sentido do ímpio e da maldade é uma corrida para a morte, até porque este é o seu salário (Rm. 6.23), a menos que ocorra um milagre na lei da ação do homem carnal ele jamais mudará de sentido. Ele jamais reagirá.

Quando é que o homem ímpio tem sua oportunidade para reagir?

Quando ouve a mensagem de Deus; esta, de Jonas, de Juízo. E se é verdade que a fé vem pelo ouvir (Rm. 10.17), é dito que os ninivitas “creram em Deus” (v.5), e quando cremos em Deus e na sua mensagem, milagres podem acontecer e pessoas ao nosso redor podem sentir sua influencia. A lei natural da ação do pecado sofre uma reação de uma lei que é implantada (Rm. 7.14-23) pela Palavra de Deus, a lei espiritual, e é somente então que reconhecemos nossa real condição: “miserável, homem que sou, quem me livrará? (Rm. 7.24)”. Os ninivitas creram, e quando cremos obras testificam desta fé viva. Então, “proclamaram um jejum, vestiram-se de pano de saco” (v.5)- homens e animais, “do menor ao maior” (v.6,7), e “clamaram fortemente a Deus”

¹ Idem, *Testemunhos Seletos*, (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1971), 2:393. “...A legítima conversão se manifesta numa mudança do coração, pensamentos e intenções, pela renúncia de maus costumes. Mexericos ciúme e desobediência. Uma luta tem de ser travada contra cada mau traço de caráter; e então o crente poderá prevalecer-se da promessa: ‘Pedi, e dar-se-vos-á’ (Mt 7:7)”. Ibid.

² Luis Alonso Schökel, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português (DBHP)*, (São Paulo, SP: Paulus, 1997), 660-662. “*shub* aparece no qal (3:10) e significa voltar, volver, voltar-se, virar-se. O sentimento primário é espacial. Movimento em direção oposta: aquele que vai, volta; aquele que vem, volta-se. Em segundo lugar, sentido interativo: voltar a , de novo. Terceiro, sentido espiritual: mudança de atitude, de conduta; daquilo que se faz, desistir, ceder, renunciar”. Ibid.

³ Sobre o cativo e posterior humilhação e queda do domínio Assírio, ver capítulos 23 e 30 de: White, *Profetas e Reis*, 279, 349.

(v.8) e se converteram.¹ Podemos ver no passado um Jonas covarde que dormiu profundamente e consentiu no “clamor da omissão”; vimos sua reação quando, no ventre de um grande peixe, ele admite o “clamor de sua angustia”; mas o vemos finalmente em ação, a proclamar por um dia inteiro a Nínive, a mensagem que representava seu “clamor pró-salvação”.² Podemos ver no passado uma cidade que dormia profundamente no pecado como a experimentar o “sono da morte”, mas que agora clama fortemente ao Senhor. Era o “clamor pré-redenção”. O milagre estava consumado!

Uma outra questão agora se apresenta: Deus declarara a destruição de Nínive. *Deus que sempre se manifestou agindo em todo o relato do livro de Jonas, poderia reagir? Poderia mudar de sentido? Poderia arrepender-se? Quem sabe?*

- “Quem sabe”, disse os marinheiros no barco a naufragar, “Deus se lembre de nós?” (1.6).

- “Quem sabe”, disse Jonas no ventre do peixe, “tornarei porventura a ver o teu santo Templo?” (2.4).

- “Quem sabe”, diz finalmente os homens “se voltará Deus, e se arrependerá do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos?”³ (v.9).

O que Deus vê quando um pecador se arrepende? - Certamente o que nenhum homem pode ver.⁴ Mas esta era uma outra lição que Jonas precisaria aprender (cap.4), porque “viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não o fez (v.10).⁵ A respeito dos ninivitas, bem poderíamos dizer as palavras de

¹ A conversão exemplar dos ninivitas será lembrada por Jesus em Mt. 12.41; Lc. 11.32. Aqui, como no evangelho, ela contrasta com a incredulidade dos judeus.

² Deus já anunciara que a principal tarefa dos profetas em proclamar uma mensagem é fazer o povo se voltar para Deus (Jr.23.2).

³ Davi lamentando a morte da criança que a mulher de Urias lhe dera à luz, disse: “Vivendo ainda a criança, jejei e chorei (note aqui a atitude semelhante a dos moradores de Nínive), porque dizia: Quem sabe se o senhor se compadecerá de mim, e continuará viva a criança?”. Esta pergunta parece ressoar de cada coração que busca de Deus uma resposta.

⁴ White, *Caminho a Cristo*, 34. “O homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração (I Sm.16.7), esse coração humano com suas emoções de alegria e tristeza em conflito; coração volúvel e sem rumo, que serve de morada para tanta impureza e engano”. Ibid.

⁵ Este verso provavelmente seja o mais elucidativo a respeito do que seja o arrependimento do homem e o de Deus. Quando o homem age em pecado, converter significa reagir, mudar de sentido. Por outro lado, se Deus não peca, portanto não age em pecado, como poderá Ele

ações de graças pela libertação da morte, expressas pelo salmista Davi: “Converteste o meu pranto em folgedos ; tiraste o meu pano de saco e me cingiste de alegria”.¹

Concluimos então que quando o homem reage de sua situação de pecado, Deus reage concedendo à ele, em lugar da morte que lhe caberia, a vida que só à Ele cabe. Isto é um Dom, o Dom do amor expresso em S.João 3.16. O Dom da vida eterna.²

reagir? De que tipo de arrependimento o texto está falando? O termo original é *nacham* e está no Nifal, Schökel, explica que “significa uma mudança de sentimento ou atitude, em relação a uma ação ou atitude” - isto não corresponderia a uma reação?

¹ Sl 30:11. No AT o “pano de saco” está na maior parte associado ao clamor, luto e profunda tristeza, como de alguém que perdeu um ente querido. Em alguns casos, como em Daniel, expressa o desejo por uma resposta de Deus. Gn 37:34; 1 Rs 20:32; 21:27; 2 Rs 6:30; 19:1,2; Ne 9:1; Et 4:1-3; Sl:35:13; Is 37:1; Is 58:5; Ez 17:18; 27:31; Dn 9:3; Jl 1:13; No NT, a ênfase é o arrependimento demonstrado pela atitude de “vestir-se de”; Mt 11:21; Lc 10:13; e demonstrar tristeza e martírio: Ap 11:3.

² Não seria senão muitos anos mais tarde que Nínive deveria cair presa das nações vizinhas (612 a.C. – Bíblia de Estudo Almeida), mercê do seu esquecimento de Deus e jactancioso orgulho. White, *Profetas e Reis*, 271.

Ação Humana e Divina Contrastadas

Capítulo 4			
Reação de Jonas – contra Deus		Reação de Deus – a favor dos “homens”	
v.1:	Jonas desgostou-se extremamente;		
v.2:	Racionaliza;		
v.3:	Pede que o Senhor lhe tire a vida; A firma: a morte é melhor que a vida.	v.4:	O Senhor pergunta: “É razoável tua ira?”
v.5:	Sai da cidade, faz uma cabana e espera;	v.6:	Age – faz nascer uma aboboreira;
v.6:	Se alegra em extremo;	v.7:	Age - faz morrer a aboboreira;
		v.8pp:	Envia um calmoso vento oriental
v.8:	Deseja com toda alma morrer A firma: melhor me é morrer do que viver	v.9:	O Senhor pergunta: É razoável o teu enfado?
v.9:	Responde ao Senhor: É justo	v.10:	A lição para Jonas
		v.11:	A lição para o mundo: Misericórdia

O último capítulo do livro centraliza sua atenção no personagem Jonas e sua reação ante a ação de Deus. Não trata de uma mensagem com vista a alcançar uma cidade e, por conseguinte, muitos corações; tinha agora um único propósito: alcançar um coração. Assim foi que vimos um Deus que agiu por causa de uma cidade e agora o veremos agindo por causa de uma só alma: a de Jonas. O mensageiro agora passou a ser o alvo da mensagem de Deus. Seus pensamentos, diz Ellen White, se demorou “sobre a possibilidade de ser considerado um falso profeta. Cioso de sua reputação, ele perdeu de vista o valor infinitamente maior das almas nessa cidade infortunada.”¹ Falhara Jonas na sua profecia? A propósito desta pergunta convém considerarmos o que diz a Palavra de Deus. A tentação primeira é de fazermos uso do verso que parece ser uma referencia para determinar se um profeta é falso ou verdadeiro: “Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o SENHOR não falou? Sabe que, quando esse profeta falar em nome do SENHOR, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o SENHOR não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele.” Jonas não teria motivos para temer tal julgamento, por duas razões básicas: uma, a sua profecia foi proclamada em cima de uma possível resposta negativa à sua mensagem (razão porque Deus prometeu destruir a cidade impenitente, ímpia). Outra, é fato que os ninivitas se arrependeram dando uma resposta positiva; então cumpriu-se a profecia que ficara nas “entrelinhas”: a de que Deus não destruiria a cidade caso seus moradores se arrependesse. Se o oráculo de Jonas não se realiza, é que de fato o decreto de destruição era, neste caso, condicional. O que Deus quer é a conversão e, sob este ponto de vista a missão do profeta atingiu plenamente o objetivo (Jr. 18.7-12).

Se dividirmos o livro de Jonas em dois, a segunda parte seria o capítulo quatro que, por sua vez corresponderia aos três primeiros, ficando assim a estrutura do livro:

¹ White, *Profetas e Reis*, 271.

A	Deus fala a Jonas e revela o seu Juízo: 1.1-3;						
	B	Um vento violento – a atitude dos homens: 1.4-16;					
		C	Deus fala ao peixe – Jonas é engolido: 1.17;				
			D	Jonas no ventre do peixe- se entristece: 2.1-9;			
				E	Jonas atende a missão - entra na cidade: 3.1-4.		
					F	Os homens oram, se arrependem; clamam pela vida: 3.5-9;	
				G		Os homens se convertem e Deus se arrepende: 3.10;	
					G'	Deus se arrepende e Jonas se ressentido: 4.1;	
						F'	Jonas ora ao Senhor – clama pela morte: 4.2,3;
				E'	Jonas cumpre a missão - sai da cidade: 4.4,5pp;		
				D'	Jonas à sombra da árvore- alegre-se: 4.5sp,6;		
	C'	Deus fala a um verme - a planta é “engolida”: 4.7;					
B'	Um vento ardente – a atitude de Jonas: 4.8,9;						
A'	Deus fala à Jonas e revela sua misericórdia: 4.10,11.						

O livro centraliza-se na exposição da ação humana e Divina ante a reação ao pecado:

- a. Vemos um Deus que age para executar seu juízo, como prometera à Jonas no início(A), e age também para revelar sua misericórdia como ficou evidente no final do relato (A'); um Deus que é soberano sobre a natureza, usando-a como lhe aprouve para advertir sobre o juízo (B), e um Deus que revela sua misericórdia, pela linguagem de um vento (B'); um Deus que fala ao grande peixe, como instrumentos de misericórdia (C), e fala ao pequeno inseto, como instrumento de juízo (C').
- b. Vemos um homem que se entristece e se arrepende (D), e que

também se alegra (D'); um homem que atende (E) e que questiona (E'); homens que oram e se arrependem (F), e homem que mesmo orando, pede a morte (F'). Vemos finalmente, ao centro desta estrutura paradoxal, o tema teológico deste livro: Deus tem misericórdia; o homem, não (G). A misericórdia de Jonas pelo que é passageiro (a planta¹), contrasta com a de Deus pelo que pode vir a ser eterno: a vida de um pecador convertido (G'). Quando homens se convertem, Deus está disposto a perdoar; o homem, nem sempre. Entender o arrependimento de Deus é compreender que Ele está disposto a mudar de sentido quando o homem manifesta sua profunda tristeza pelo pecado. Tanto quanto o homem, que pelos seus atos pode mudar os planos de Deus, também Deus, muda seus planos quando os homens se convertem de seu mal caminho.

A estrutura do capítulo quatro mostra, como veremos a seguir, o outro lado da didática de Deus: alcançar seu mensageiro:²

¹Bíblia de Estudo Almeida - RA, e, na BJ, "mamoneira".

²Nowell propõe em seu comentário a seguinte estrutura (na pg. seguinte apresento minha proposta):

A	Irritação de Jonas: 4.1	
	B	Jonas reconhece a misericórdia Divina: 4.2
	C	Duplo refrão: É melhor para mim morrer do que viver (4.3), Acaso tens razão para te irritar? (4.4)
		D A misericórdia de Deus para com Jonas: 4.5-8a.
	C'	Duplo refrão: É melhor para mim morrer do que viver (4.8b), Acaso tens razão para te irritar? (4.9).
	B'	Deus conhece a irritação e a falta de misericórdia de Jonas: 4.10.
A'	A misericórdia Divina: 4.11.	

A	Jonas fica irado e ora ao Senhor - v.1,2.		
	B	O pedido de Jonas e a pergunta de Deus - v.3,4.	
	C	Jonas sai da cidade e descansa - v.5.	
		D	A misericórdia de Deus para com Jonas - v.6.
		C` O sol sai no horizonte, acaba o descanso - v.7,8pp.r	
	B`	A pergunta de Deus e o pedido de Jonas - v.8sp,9.	
A`	O Senhor tem compaixão e fala à Jonas - v.10,11.		

Como age então um profeta que não compreende a ação de Deus? Fica irado (v.1), prefere a morte que a vida(v.3). Seu comportamento expõe atitudes que em situações semelhantes podem vir a ser nossas: a de vermos a justiça de Deus sob a ótica humana. Nesta ótica, se Deus promete destruir, Ele tem de cumprir, sem atentar para os efeitos das mensagens de advertência previamente anunciadas. Mas não devemos esquecer que algumas promessas são condicionais. O que ocorre então? Provavelmente a ilustração da terceira lei de Newton¹ nos ajudará na compreensão, se devidamente aplicada: o propósito de Deus (a direção) é sempre a mesma - da justificação à glorificação: salvar. Ele não muda. Mas, enquanto no tempo da graça veremos um Deus que vez por outra volta (muda de sentido), para buscar e aceitar um pecador que se arrepende. Mas não será sempre assim. Haverá um tempo em que a 'graça' da misericórdia findará, restando o 'juízo' da misericórdia.² Então, não haverá mais mudança de sentido.

¹"Princípio da Ação e Reação" estabelece que as forças envolvidas tem a mesma intensidade, a mesma direção e sentidos opostos. Ferraro, *Física Básica*, 54, 108.

²White, *Profetas e Reis*, 276. "... virá o tempo quando não mais se ouvirão súplicas por misericórdia, e o elemento rebelde que continua a rejeitar a luz da verdade será riscado, em misericórdia para com eles mesmos, e para com aqueles que de outro modo seriam influenciados por seu exemplo". Ibid. Ver também: White, *O Grande Conflito*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 543. "Em misericórdia para com o mundo, Ele suprimiu seus ímpios habitantes no tempo de Noé. Em misericórdia, destruiu os corruptos habitantes de Sodoma. É em misericórdia para com o Universo que Deus finalmente destruirá os que rejeitam a Sua graça". (Ibid).

Deus não tem prazer na morte do ímpio – isto sim, não é condicional. Mas Deus muda? O texto de Malaquias 3.6 afirma que não. “...Por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos”. O conceito de mudança de Deus fica mais claro ao observarmos o verso seguinte: “tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros...”. Quando o homem se arrepende e se volta para Deus, Ele permanece (não muda) no seu propósito de salvação: volta-se para o homem. Deus não muda quando em exercício de misericórdia.¹ O último verso do livro termina afirmando que “Deus teve compaixão”.² A verdade Bíblica mostra um Deus imutável; isto é, quando o ímpio não se arrepende não há misericórdia (este é um princípio imutável); e, quando o ímpio se arrepende Deus usa de misericórdia (aqui, outro princípio imutável).

“Ação, Sem Variação”

O esboço a seguir tenta ilustrar de maneira simples o que estamos propondo.

1. AÇÃO IMUTÁVEL:

1.1. Quando, em resposta à ação de Deus, o homem arrepende-se, Ele tem misericórdia – salva-o. (Jr. 18.7,8)

A. Motivos nem sempre visíveis:

- a) O homem age em acordo à ação de Deus;
- b) O homem reage em desacordo à sua própria vontade;

1.2. Quando, em reação à ação de Deus, o homem não se arrepende - Deus age com justiça (Jr. 18.9,10)

A. Motivos nem sempre visíveis:

- a) O homem reage à vontade de Deus;
- b) O homem age de acordo com sua própria vontade;

¹Sua misericórdia não muda por causa da sua aliança (2 Rs 13:23); por ela somos preservados (Gn 19:19); sua misericórdia é para os que o amam (Ex 20:6; Dt 5:10); é aplicada para os que abandonam o pecado (Dt 13:17); e, dura para sempre (Sl 103:17; 106:1).

²Do heb. *'achus*, significando “piedade”, “lamento”, um olhar de compaixão.

2. AÇÃO MUTÁVEL:

- 2.1. Se verificaria por exemplo, se Deus, tendo prometido a morte para os Ninivitas, os matassem (a despeito do arrependimento demonstrado por eles), apenas para que Ele não “mudasse”, não voltasse atrás com Sua Palavra.
- 2.2. Ou, se verificaria também, se Deus, tendo prometido a morte para os Ninivitas, os salvasse (mesmo que eles não se arrependessem), apenas para que Ele demonstrasse assim o que é ser “misericordioso”;
 - A. Motivos nem sempre visíveis - a premissa seria de que Deus agiria em desacordo com os princípios anteriores (1.1 e 1.2).
 - a) Deus teria misericórdia do ímpio;
 - b) Deus executaria juízo executivo contra o justo;

Sem dúvida que Tiago coloca um ponto final nestas possibilidades, ao afirmar que “toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança. (Tg 1:17). Mas parece-nos inevitável a necessidade de considerarmos o conceito de conversão, que está habitualmente ligada ao conceito de mudança:

“Se a tal nação se converter da maldade contra a qual eu falei, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe” (Jr.18.8). Isto é, se o homem “volta”, “se converte” (*shub*), certamente Deus “se arrepende” (*nacham*).

O texto é uma revelação da própria conduta de Deus em relação ao pecador. Ao falar à Jeremias, Deus repete a palavra dita à Jonas: “Dispõe-te” (também ditas à Josué -Js.1.2;7.13;8.1; Davi - I Sm.23.4, e Isaías -Is. 60.1, entre outras); a instrução é de que o profeta desça à casa do Oleiro, pois ali ele aprenderia o que Deus é capaz de fazer: “Como o vaso que o oleiro fazia de barro se lhe estragou na mão, tornou a fazer dele outro vaso, segundo bem lhe pareceu (Jr.18.4)...Não poderei fazer de vós como fez este oleiro? (v.6) Parece que a idéia aqui não é de mera manipulação mas de “fazer e desfazer para finalmente dar uma forma” e este “fazer e desfazer” não seria o *nacham* de Deus? Aproveitando a ilustração imaginemos um homem carnal e pecador, sabedor de muitas coisas, menos da profissão de oleiro: ao tentar fazer um vaso com o barro, é como se tivesse nas mãos algo que ele não conhecesse e nem soubesse como manipular: a natureza humana. O que o homem fará se ele não entende nada de barro (a estrutura carnal - a

natureza humana)? Se arrependeria (*shub*) e desistiria. Voltaria (*shub*) para uma de suas atividades que sabe desempenhar bem. Agora imagine alguém que conhece toda a nossa estrutura e sabe que somos pó. Ele criou o barro, então sabe como manipulá-lo. Afinal formou com ele toda a raça humana a partir de Adão. O que poderá fazer? Provavelmente responderíamos “o que quiser”. Isto não seria dar liberdade para o “Profissional” agir? E quando Ele age, jamais poderá *shub*, pois afinal Ele sabe o que poderá fazer se o barro permanecer em suas mãos. Então, Ele *nacham* sempre que percebe que a forma não ficou boa e jamais desistirá de seu plano. Por vezes se *nacham* (*entristece*) por ver que não ficou como queria, contudo jamais desiste. Seu sentido e direção são as mesmas: fazer um vaso novo. Mas adverte: “No momento em que eu falar acerca de uma nação ou de um reino para o arrancar, derribar e destruir, se a tal nação se converter (*shub*, reagir - retornar para minhas mãos, permanecer)...também eu me arrependerei do que disse (*nacham*)” e farei dela um vaso novo. Caso contrário (v.9,10), se uma nação “fizer o que é mal perante mim e não der ouvidos à minha voz (subtende-se uma voz de apelo, como a dizer: ‘fica em minhas mãos...’), então me arrependerei (*nacham*)”, por não poder fazer dela um vaso novo... O bonito vaso que houvera dito que faria, não poderei fazer, razão porque também (*nacham*) - me entristeço.

Conclusão

a) Fica exposto o que motivou o profeta a mudar o rumo de Nínive para Tarsis: “eu já sabia que a história terminaria assim – em misericórdia”,¹ disse ele (4.2). Jonas estava dando por encerrada a sua missão: constrói sua própria tenda (misericórdia própria), e espera. Tinha feito tudo o que o esforço humano é capaz de produzir. Consideremos então um outro fato: se Jonas já tinha uma tenda (e assentara-se à sua sombra – v.5), porque precisaria de uma mamoneira? É quando Deus ensina-lhe (e a nós também), a mensagem de que Deus dá

¹Por esta atitude o profeta expõe sua fé no poder da mensagem e na misericórdia (pois como vemos, saberia que produziria resultado), e sua grave atitude em recusar-se transmiti-la; ou, usa o recurso da racionalização, buscando assim uma desculpa para seu aparente fracasso.

e Deus tira a misericórdia.¹ A tenda não garantiu a proteção de Jonas. As providências meramente humanas não duram, como as providências de Deus. A mamoneira pode ser uma tipologia desta misericórdia Divina. Haverá um tempo em que ela será tirada da terra e os homens ficarão à mercê de um vento oriental ardente (v.8)² e pedirão aos montes e outeiros que caiam sobre si escondendo-os da face de Deus, reconhecendo assim que, para eles, a morte é melhor do que a vida.³ Deus virá para executar o propósito de sua direção imutável: buscar e salvar o que se havia perdido.⁴

A conversão de almas a Deus é a obra mais grandiosa, a obra mais elevada em que os seres humanos podem empenhar-se. Na conversão das almas se revelam a tolerância de Deus, Seu amor incomensurável, Sua santidade e Seu poder. Toda verdadeira conversão O glorifica, e faz com

¹T. Desmond Alexander, *Obadias, Jonas, Miquéias... Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova, 2001), 150. A destruição da aboboreira assume significado especial. Nessa ação, que simboliza o destino de Israel, Deus demonstra que, sendo a fonte da vida, ele também tem o direito de tirá-la. Tal como o capitão (1:6) e seus marinheiros (1:14), e o rei e seus nobres (3:9), Jonas se vê forçado a reconhecer a absoluta soberania de Deus. Em última instância, o senhor é livre para agir como lhe agrada (cf. Mt 20:1-16). “Do Senhor vem a salvação”. *Ibid.*

²Harris, *DITAT*, 1319. “Este substantivo denota o vento do deserto, o qual traz a destruição temida (Jó 27.21; Sl.48.7[8]) e que, assim mesmo, é plenamente controlado por Deus (Jó 38.24; Sl 78.26), até mesmo para o bem quando Ele assim o deseja (Ex.14.21). Aparecendo 52 vezes em Ezequiel, seu emprego mais freqüente é com o sentido de “oriente” (cf.Hc.1.9)”. *Ibid.*

No contexto Bíblico imediato onde aparece o termo “vento oriental”, ele é apresentado como um instrumento de juízo e misericordioso livramento. Está presente nas “espigas mirradas” (Gn 41:6, 23 e 27) do sonho do Faraó; no vento que o SENHOR trouxe sobre o Egito, por um dia inteiro, trazendo na manhã seguinte a praga dos gafanhotos (Ex 10:13) e, tempos depois, livramento do exército egípcio, ao abrir o mar vermelho (Ex 14:21); Este vento se mostra presente na destruição de naus de Tarsis (Sl 48:7); na proteção e salvação (Is 27:8), bem como no ato de Deus em virar o rosto para Israel (Jr 18:17) deixando-o a mercê de seus inimigos; finalmente, é descrito com linguagem que faz-nos lembrar de Jonas: “Mas, ainda plantada, prosperará? Acaso, tocando-lhe o vento oriental, de todo não se secará? Desde a cova do seu plantio se secará” (Ez 17:10, cf. 19:12).

³Esta atitude dos ímpios provavelmente foi tipificada por Jonas quando, reconhecendo seu pecado pediu aos marinheiros que o jogasse no mar.

⁴Este ato da misericórdia Divina parece ficar evidente quando o “grande peixe” é providenciado para dar uma nova oportunidade de vida ao profeta Jonas.

com que os anjos prorrompam em cânticos. “A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram (Sal. 85:10)”. Carta 121, 1902.¹

b) No princípio da Ação de Deus e Reação do homem, fica exposto que “a natureza humana não renovada não pode agir como Deus age.”² Na esfera humana nossa ação deve corresponder à ação e propósitos de Deus. Esta é a essência da obediência.

Deus estabeleceu no Céu a lei da ação obediente. Silenciosos, mas sem cessar, os objetos de Sua criação realizam a obra que lhes é designada.³ A felicidade advém de serviço voluntário e obediente, em que todas as faculdades de nosso ser se movem em ação ditosa, salutar e harmoniosa, obedecendo às ordens de nosso Capitão.⁴ O homem é... eleito para ser obediente a cada palavra que procede da boca de Deus, para que não seja apenas ouvinte, mas praticante da Palavra. Essa é a eleição bíblica.⁵

c) Por fim, o livro ajuda-nos a esclarecer o conceito da conversão. Há evidências estreitas entre o arrependimento e a conversão. Sempre quando alguém dá novas diretrizes aos seus pensamentos e vida, isto inclui um julgamento sobre seus pontos de vista e comportamentos anteriores. Este processo se expressa no NT através de três grupos de palavras: *epistrophê*, *metamelomai* e *metanoeô*. A primeira e terceira destas palavras significam “voltar-se”, “virar-se para trás”, e se referem a conversão de uma pessoa. No AT a LXX usa o termo *epistrophe*, mas não *metanoeo*. O hebraico *shub* ocorre cerca de 1.050 vezes e significa “virar para trás”, “voltar-se” (qal) e cerca de 120 vezes com um sentido especificamente teológico: “virar”, “voltar”, “ser convertido”, “trazer de volta”, no sentido de uma mudança de comportamento e de uma volta

¹White, *Evangelismo*, 292.

²George R. Knight, *Caminhando com Jesus no Monte das Bem-Aventuranças*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 170.

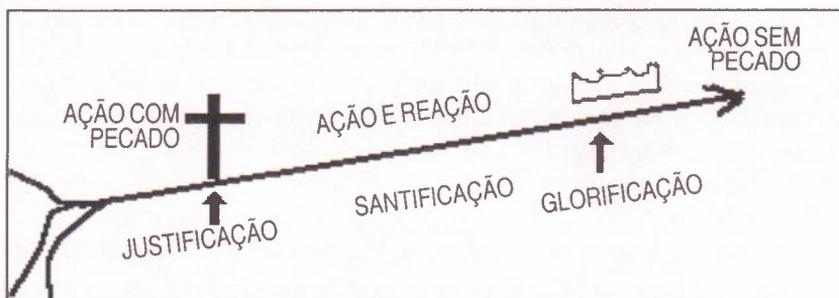
³White, *Mente, Caráter e Personalidade*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 1:115.

⁴Idem, *E Recebereis Poder*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 346.

⁵Idem, *Testemunho Para Ministros*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 454.

ao Deus vivo.¹ A verdadeira conversão é uma mudança radical. A própria inclinação da mente ou a tendência do coração deve ser desviada, tornando-se a vida nova outra vez em Cristo.²

O capítulo três mostrou um Jonas convertido, no capítulo quatro o vemos ressentido, irado. Uma vez convertido (reagir, mudar de sentido), não significa necessariamente convertido para sempre. Observemos a figura a seguir:



Antes de conhecermos a Cristo e aceitá-Lo como nosso Salvador, vivíamos em “ação de pecado” - sem rumo e sem uma direção definida; trilhávamos por caminhos que aos nossos olhos pareciam direito, contudo eram tortuosos. Não tínhamos conflito de ação e reação, porquanto não conhecíamos a vontade de Deus”. Quando O aceitamos nossa vida passou a ter uma direção; já não andávamos sem rumo; havia (e há) um plano definido: a direção que devemos seguir na jornada cristã nos é proposta entre a justificação e a glorificação, e se chama santificação. Neste processo a liberdade permite escolher dois sentidos: a favor ou contrário a ação de Deus. Provavelmente aqui seja o melhor momento para colocarmos o conceito político de reação: “Sistema contrário à liberdade; absolutismo”.³

Isto é, Deus concede-nos a liberdade - uma dádiva. Mas quando o absolutismo do “Eu” impera, vivemos no exercício de uma falsa liberdade, pois na verdade estamos escravos da “política do Eu”. Assim sendo, viver a liberdade é, em essência, submeter o “Eu” à ação absoluta de Deus. À medida que prosseguimos para frente e para o alto, estamos na “ação da santificação”; quando o sentido é o contrário, estamos no “conflito de Jonas”,

¹ Lothar Coenen, Colin Brown, *Dicionário Teológico do Antigo Testamento (DTAT)*, (São Paulo: Vida Nova, 2000), 416.

² White, *Testemunhos Seletos*, 1:444.

³ *Michaelis*.

onde a vontade do EU reage contrária a ação de DEUS; não havendo uma reação contra a vontade da carne, estaremos agindo no pecado e poderemos até ultrapassar o limite da justificação e definitiva perdição. Neste limite divisório está uma cruz, que expressa amor e misericórdia. Ultrapassá-la é sobremodo perigoso e fatal.

Deus concede ao homem um período de graça; mas há um ponto além do qual a divina paciência se esgota, e os juízos de Deus se seguem seguramente. O Senhor trata pacientemente com os homens, e com cidades, misericordiosamente dando advertência para salvá-los da ira divina;¹

Abandonada a si própria, comenta Laird Harris, “uma pessoa má não tem chance alguma de sobrevivência. Mas o Deus que é o seu juiz é também o Deus que a chama para mudar os seus caminhos; Deus promete que a ação humana de afastar-se do mal (do heb. *ra'*) conduzirá a um evento salvador (Jó5.19; Sl.121.7; Pv.19.23).”²

Perante o crente é apresentada a maravilhosa possibilidade de ser semelhante a Cristo, obediente a todos os princípios da lei. Mas por si mesmo é o homem absolutamente incapaz de alcançar esta condição. A santidade que a Palavra de Deus declara dever ele possuir antes que possa ser salvo, é o resultado da operação da divina graça, ao submeter-se à disciplina e restritoras influências do Espírito de verdade. A obediência do homem só pode ser aperfeiçoada pelo incenso da justiça de Cristo, o qual enche com a divina fragrância cada ato de obediência.

A obra de transformação da impiedade para a santidade é contínua. Dia a dia Deus opera para a santificação do homem, e o homem deve cooperar com Ele, desenvolvendo perseverantes esforços para o cultivo de hábitos corretos. Deve acrescentar graça à graça; e assim procedendo num plano de adição, Deus opera por ele num plano de multiplicação. Nosso Salvador está sempre pronto a ouvir e responder à oração do coração contrito, e graça e paz são multiplicadas a Seus fiéis seguidores.³

¹ White, *Testemunhos Seletos*, 1:454.

² Harris, *DITAT*, 1319.

³ White, *Atos dos Apóstolos*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994), 532.

Jonas era um convertido, que no processo de sua santificação estava retroagindo; oportuno seria se Deus lhe dirigisse a pergunta: “Afinal, Jonas, amas-Me, ou tudo que você faz é formalidades de um mensageiro?” E, quando parecia ser fatal o seu destino, Deus usa de misericórdia, mais uma vez, para lhe ensinar uma história de amor incondicional; amor até pelos seus inimigos.

Reproduzo aqui este pequeno poema que sintetiza nossas considerações:

Mudando de Idéia¹

E foi Jonas batendo os pés,
para o seu posto - à sombra
E esperou que Deus mudasse de idéia:
pensasse como ele.
E continua Deus ainda esperando,
que uma hoste de Jonas
Mude de idéia - Ame como Ele.

¹ Citado por LaSor de T. J. Carlisle, *You! Jonah!*, em: LaSor, *IAT*, 422.